

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Editorial

O 25 de Abril trouxe à ribalta certos vocábulos que embora já existentes, permaneciam imersos no silêncio dos dicionários. Surgiram fenómenos diferentes, desentranhou-se uma nova dinâmica sócio-política e o certo é que a situação emergente para ser descrita e transmitida adequadamente necessitou de uma outra terminologia com «novos» concei-

COMPLEMENTARIDADE

tos que, embora insepultos, não entravam no uso quotidiano. Pelo menos com tanta frequência. É o caso de insularidade, por exemplo, apendiculada à palavra custos. Há quem refira também os custos de interioridade para designar um certo ostracismo a que têm sido votadas as terras do interior. E nós já vimos do mesmo modo escrita a expressão custos de litoralidade, apresentado como revanche pela gente do mar para significar igualmente que à beira do oceano nem tudo são rosas.

Não sabemos porquê mas engraçamos com estes fonemas terminados em ade. E por isso hoje vamos falar de complementaridade. A propósito de quê e de quem? Da nossa Junta, pois claro. E por que carga de água?

A Junta da Freguesia tem realizado umas coisas, é evidente, com os seus pecados mortais pelo meio. Poderão dizer que a conjuntura é favorável mas o certo é que as obras estão feitas e isso é o que conta, como no futebol os golos é que interessam. Mas são

obras de pendor nitidamente material: arranjo de ruas, construção de edifícios, levantamento de esporões, urbanização de praças e outras quejandas. Ora bem, parece que chegou a hora de as complementar (a tal complementaridade) com outras de feição mais cultural ou mais humanista se assim o entenderem. Por exemplo: a tal escola de música parece que não vem para Fão como por direito próprio devia ter acontecido. Não vamos por isso chover no molhado.

(Continua na pág. 2)

OS «ANTIGOS» DO INFANTE DE SAGRES

Bem, aquilo no ano passado foi um entusiasmo doido. Vieram professores, veio o Vassalinho de Lisboa, outras pessoas chegaram de muito longe, havia constantes trocas telefónicas, «tu vais?», «eu se colhar também vou», enfim, o mundo infantil vibrou de entusiasmo. Depois foi um mar de gente que apareceu e por entre abraços, risos comovidos, juras e mais juras, todos se comprometeram a estar presentes para o ano (este ano) no mês de Setembro.

Os promotores do ajuntamento rendidos ao peso de tanta vibração (para o ano vão estar aqui duzentos) deram-se ao requinte de enviar cartas (duzentas e tal) aos ex-presentes e aos ausentes, dando conta da festa, com fotocópias dos ornaís da região, procurando sobretudo manter o fogo sagrado. Só em selos foi um balúrdio. No início do outro mês enviaram-se mais 225 cartas-convite.

E o dia 20 de Setembro chegou. E que tal?

Surpreendentemente correu tudo muito bem. Ultrapassou todas as expectativas no que diz respeito a companheirismo e qualidade de pessoas. Houve atitudes de

(Continua na pág. 8)

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

Antonino Borda

Há pessoas que não se tendo destacado por nada de especialmente relevante, concentram na sua pessoa certos particularismos, adquirem um certo modo de estar na vida que por isso mesmo as tornam diferentes e por isso também dignos de referência. Parecem-nos estas neste caso a pessoa do nosso conterrâneo Antonino Borda, falecido já lá vão uns dezasseis anos, mais precisamente, em 17 de Dezembro de 1970. Não foi um benemérito por aí além, não exerceu quauquer actividade que deveras o distinguisse, não foi um artista altamente incensado pela crítica, tão pouco exerceu qualquer actividade empresarial que tivesse enriquecido sobremaneira a terra; foi, porventura, um

pouco disso tudo e sobretudo um grande bairrista que uôs sempre as suas virtudes ou habilidades que eram muitas ao serviço da terra e seu prestígio.

Na sua juventude acamaradou de perto íamos dizer que se integrou ou mesmo que persona mesmo que personalizou a boémia fangueira, no que ela tinha de folgazã, de artística e farrista. Antonino Borda viveu ao lado de Ernestino Sacramento, do Carlos Tuna, do Lamek, do Penetra, do Regada e de tantos outros que proporcionaram aos conterrâneos momentos de lazer, arte e boa disposição.

Quando se fala nas revistas antigas não pode esquecer-se o contributo dado

(Continua na pág. 5)



EDITORIAL

(continuado da pág. 1)

Entendemos que em alternativa a Junta devia aproveitar a propensão dos fangueiros para a música, nomeadamente para manejo da guitarra, e convidar um professor para montar essa escola onde se aprendesse a dedilhar aquele instrumento, fornecendo a autarquia os indispensáveis apoios logísticos. Há terras que cultivam o cavaquinho, outras, o acordeão, a nossa praticaria a guitarra. Se se pusesse já o barro à parede, seria possível daqui a um ano apresentar um grupo de moços (e por que não moças?) a efectuar exhibições em público como se faz em algumas terras com outras modalidades.

Outra demarche bonita e edificante a que a Junta deveria lançar ombros prende-se com a campanha de flores nas fachadas das casas de Fão. Podia fazer-se uma programação por etapas. Começava-se ali no Largo Pires Carneiro com o handicap de as casas do Antoninho Borda e do arquitecto Pádua Ramos se encontraram de-

vidamente floridas. Depois o entusiasmo e bairrismo da gente de Fão fariam o resto. Com a ajuda da Junta, insistimos.

Ah! Esqueçiamo-nos ainda de outra coisa. Era um passeio a Óbidos que os autarcas deveriam patrocinar. Óbidos é um rincão maravilhoso situado entre as Caldas da Rainha e Peniche. As casas são muito uniformes, típicas e cheias de flores. Aquilo parece um presépio. E todo o povo, autoridades, proprietários, comerciantes porfiam em manter o ambiente com uma traça singular. Entendemos que a gente de Fão, muita gente de cá, a principiar pelos homens da limpeza, deveriam visitar Óbidos a fim de aprenderem a estimar a terra (nossa) que tão maltratada tem sido.

Ora cá temos um conjunto de iniciativas que muito contribuiriam para um melhoramento do burgo fangueiro. Era este o complemento que nós exigíamos à Junta. Entendemos que lhe faltam estas medidas que não são vistosas, é certo, nem que metem corte de fitas, nem estralejar de foguetes, mas que decididamente dariam um empurrão vigoroso ao progresso integral do meio.

À Junta de Fão de certeza que lhe falta um esforço de complementaridade. Esperamos que o realize já.

Exortação ao Minho

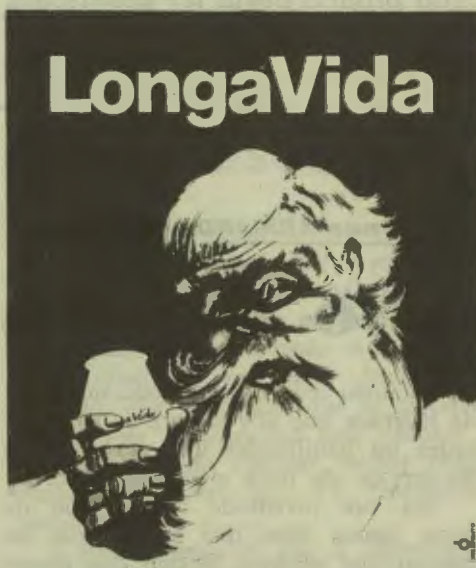
Ó suave e doce Minho
Sem adoptar outra crença
Jamais deixarei de te admirar
De Caminha e Valença
Até o Cávado, a serpear.

Aldeias, vilas e veigas
Todo o fresco dos pinhais
Brisas tão frescas e meigas
Que penso não ter jamais.

Portugal de tanta glória
Gente que entra, gente que sai,
Nunca sairás da memória
Dos que te têm como pai.

Logo que és visitado,
Ficas preso na saudade
Dos teus filhos, e então
Nem que seja por um bocado,
Satisfazendo a vontade
De voltar, e em teu chão
Permanecer pela eternidade
Em calmo e terno abrigo
De pacífica freguesia
Assim, contigo ficaria
Numa eterna companhia.

JOSÉ DOS REIS QUINTAS



o que é bom da natureza

Grande azar

Foi má hora aquela em que o Fernando Mendanha se dirigiu ao Hotel Ofir, na noite de 29 para 30 de Setembro. Foi lá, tomou o seu cafezinho, ouviu talvez música e, como sempre, o carro permaneceu cá fora, à espera, um Renault 5 Turbo, novinho em folha, com as portas não trancadas e as chaves lá dentro.

Depois, era talvez uma da manhã, quando resolveu ir para casa, o Fernando só encontrou o lugar onde estivera o carro. It's gone, costumam dizer os ingleses e até os holandeses. Foi-se. Foi-se mas achou-se nessa mesma noite, às 5 da manhã, esborrachado contra a parede numa curva de S. Bartolomeu, sem concerto possível. No volante e nos vidros ainda se encontravam restos de sangue, de tecidos e cabelos. Alguém se magoara na calada da noite, mas muito baixinho, para poder escapullir sem fazer ondas.

Foi uma Brigada de Trânsito quem fez o achado e um Jeep da G.N.R. de Espo-sende limitou-se a rebocar o carro até à Garagem Imperial.

Fernandinho: chave do carro só na garagem e às vezes nem aí. O Samuel que o diga!

AUMENTE O SEU

Colesterol!

Como habitualmente, aqui vai a receita de um prato agradável e de fácil confecção, e da respectiva sobremesa.

Começemos pelas

LULAS DE CALDEIRADA

Amanham-se as lulas, cortam-se aos pedaços e lavam-se muito bem.

Faz-se um refogado com azeite, cebola picada, salsa picada e pimenta.

Quando a cebola estiver loira, deitam-se no refogado os bocados das lulas e deita-se também tomate sem pele, ou massa de tomate.

Deixa-se ferver até as lulas estarem cozidas e macias e o molho bem apurado. Serve-se em prato coberto.

OVOS MOLES DE AVEIRO

Açúcar — 500 gramas.

Gemas de ovos — 20.

Põe-se o açúcar em ponto de espadana e deixa-se arrefecer.

Quando estiver morno, junta-se-lhe as gemas muito bem batidas, mexendo sempre.

Leva-se novamente ao lume, continuando sempre a mexer, até cozer.

Estando cozido, deita-se em tacinhas e povilha-se com canela.

E por hoje é tudo. Um abraço da

Tia Marquinhas

UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

estamos a construir um banco do futuro

OS «ANTIGOS» DO INFANTE DE SAGRES

(continuado da pág. 1)

abnegação e solidariedade que nos apraz registrar. Foi por exemplo, o caso do João Eduardo que já tinha tudo apazado para aquela hora se encontrar instalado em Lisboa para assistir ao despique do Nelson Piquet com Ayrton Senna. Mas, logo que recebeu o convite, alterou todo o esquema da partida e disse «presente», adiando para as 5 da manhã a sua abalada para os Estoris. Aqui para nós, estes exercícios até lhe fazem muito bem que este está nutridinho.

Como estava programado, realizou-se uma missa na Igreja Matriz sendo oficiante o Sr. Arcipreste, P.º Baptista de Sousa, que no momento próprio fez uma homília simpática aos presentes. A Piedade numa voz bem timbrada leu a Epístola.

Seguiu-se um almoço no Hotel do Pinhal que decorreu sob o signo da democracia. Sabem quem presidiu? Imaginem, foi a Filippa Barrote (e Só). Quem a promoveu? Auto-alapau-se na cadeira pres-



dencial. Na prática, porém, coube ao Artur Barros Lima a honra de dirigir palavras de boas-vindas a todos os presentes, missão de que se incumbiu com muito à vontade e cordialidade. Um anfitrião dos pés à cabeça.

O menu não esteve mau, mas quem escolheu a alternativa não foi menos esperto. Era cá um bife de respeito! Desta vez não houve discursos, de modo que em termos de atenção o ambiente esteve bem dividido. Havia alegria e boa disposição em todos os sítios. O Costa ciceronou o repasto com o à vontade que se lhe reconhece.

A certa altura, isto é, finda a sobre-mesa, o António Sá Pereira sugeriu que se tomasse o café no «pub» O Pescador, ainda nas instalações do Hotel e aí, sim, a reunião assumiu um ar caseiro, familiar, amigável, sobretudo amigável. Bem e quando o whisky mandado vir pelo mesmo Sá Pereira começou a escorrer pelas gargantas abaixo, o ambiente atingiu um clima agradávelíssimo. Toda a gente se sentia feliz.

Foi nesta altura, seriam umas quinze ho-

ras, que com surpresa (ou não?) surgiu no meio da maralha o João Maria, aliás o Eng.º Oliveira Martins, ou dito de outra maneira o Senhor Ministro das Obras Públicas, Comunicações e Transportes. Claro que não estava ali na qualidade de membro do Governo, mas um ministro é sempre um ministro e a malta ficou contente com a sua presença que não foi rigorosamente uma surpresa pois o Zé Areias já tinha «soprado» uma possível vinda.

A festa continuou talvez mais entusiasmada e foi nessa altura que começou a ganhar corpo a ideia de se fazer nova reunião para o ano e todos os anos. Os mais convincentes foram o Zé Eduardo e o Carlos Felgueiras que garantiram: «Pelo menos nós, os que aqui estamos, viremos novamente». E o João Maria também. Aventou-se uma data — último sábado de Agosto — que foi aprovada e aceite por unanimidade.

A capa do menu continha um desenho do Zé Areias representando a Casa do Arco.

De França ao Brasil

O nosso amigo António Torres e sua Esposa Ivone estiveram de férias no Brasil, de visita a familiares e conterrâneos. Foi grande a confraternização e foram muitas as saudades.

No próximo número daremos o relato, acompanhado de foto, dessa visita.

Regresso à terra

Esteve a despedir-se na Redacção deste jornal o nosso caro assinante e futuro colaborador Coronel Edson Campos dos Reis.

Foi com muito prazer que conhecemos este grande admirador de Fão que entre nós estadiou cerca de um mês.

As saudades amontoavam-se mas Coronel Edson prometeu voltar daqui a três anos na companhia de sua Esposa.

Có ficamos esperando enquanto formos vivo. Entretanto, mande qualquer peçazinha desse Rio maravilhoso.

Nova variante

Já foi posto a concurso o projecto de uma variante entre Criás e a foz do Neiva.

A nova variante atravessa a rua das Pedreiras através de um viaduto e obriga à construção de uma outra ponte que se vai situar perto do Caldeirão.

Retrato da VIRGEM MARIA

*À cabeceira do meu berço havia
Um retrato da Virgem, pequenino;
Retrato lindo... pois até sorria
Como que a abençoar o meu destino.*

*Logo, pela manhã, quando acordava,
O meu olhar fitava o rosto d'Ela,
E parecia que, dele baixava
A luz branca e suave duma estrela.*

*E, com simplicidade de inocente,
Minha breve oração, então, fazia...
Qual rouxinol cantando alegremente,
Por ver chegar a luz do novo dia.*

*E quando à noite, antes de dormir
Lhe rezava, fitando o Seu olhar,
Parecia-me, então, bem perto ouvir
Um mavioso canto de embalar.*

*Ela sorria, minha prece ouvindo...
E eu julgava escutar dos lábios Seus:
— «Querido filho meu, menino lindo,
Eu te abençoo como Mãe de Deus.»*

*E a bênção de Maria, outrora ouvida,
Junto do meu bercito de criança,
Abençoado tem a minha vida
E ainda me perdura na lembrança.*

DINIS DE VILARELHO

Curso de árbitros

O Conselho de Arbitragem da Associação de Futebol de Braga, tem abertas inscrições para o Curso de Candidatos a Árbitro a realizar em Braga, Barcelos, Ronfe, Guimarães e Fafe. As inscrições terminam no dia 15-10-86.



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ★★

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.

O Mundo em que vivemos

O ADEUS A UMA SENHORA

Foi em fins de Agosto que a vimos pela última vez.

Da sua cadeira, como de um trono, num plano ligeiramente alteado por alguns degraus, ela presidia a uma festa realizada no jardim da sua residência.

O almoço tinha terminado. Os convivas quedavam-se naquela agradável indolência que sucede às refeições abundantes. Os sons de uma guitarra derramavam-se na tarde morna, acompanhando uma voz dolente.

Ela sorria, um sorriso sereno e indulgente, e o seu olhar levemente enternecido adquiria maior brilho ao fixar-se nos filhos. Em que pensaria, nesses momentos? Que recordações afluiriam à sua memória? Talvez a lembrança do tempo em que eles eram pequeninos, em que cabiam ambos no calor dos seus braços. Ninguém jamais o saberá.

Dias depois, a inexorável lei da Morte atingiu-a. Gelou-lhe nos lábios o sorriso doce e vago, cerrou-lhe os olhos que se perdiam na distância, nos longes dum passado que era seu.

Mas ninguém morre completamente enquanto viver na recordação dos que lhe queriam bem. Cada vez mais se afirma em nós esta certeza de que a morte não é definitiva e total: algo dos que partem permanece indelevelmente

no coração e na lembrança dos que ficam.

Por isso a guardamos intacta na nossa memória, tal como a vimos nessa tarde quente de Agosto.

E esta vocação que aqui deixamos, é como a luz ténue mas quente de uma vela, a arder no altar da nossa saudade.

E. REAL

AURORA GOMES SARAIVA

A Família, muito reconhecida, vem por este único melo agradecer todas as provas de amizade, boa convivência e solidariedade que lhe foram prestados, por ocasião da morte da saudosa extinta.

defeitos à vista...

Campismo clandestino

Começam a aparecer os campistas clandestinos na nossa orla marítima. Sujando e degradando as nossas parcelas mais belas!

E este ano é de prever maior número desses visitantes. Isto porque outras regiões estão a tomar as desejáveis medidas de dissuasão. No Algarve, estão a fazê-lo com inteligência: proibem o campismo clandestino e promovem a região através de anúncios caros mas sugestivos.

Por cá, não será desejável, que nos remetamos ao papel de recipientes do que noutras regiões é indesejável.

Há dias, encontramos uma família italiana instalada num dos locais mais belos e intactos da nossa costa, ao norte da cidade. Com dois bons carros e material caro, não foram para o parque de campismo próximo (cerca de dois quilómetros). Preferiram aquele lugar privilegiado, junto de um pequeno rio e a alguns metros da praia.

Mas estavam a estragar e conspurcar um pedaço de natureza intacta. Deixando latas e plásticos. Deixando excrementos. Perutubando as espécies ornitológicas que ali nidificam. Em suma: faziam ali o que na sua terra lhes é totalmente vedado pela lei!

Será que vamos mesmo ser os sacrificados do lixo, da CEE e das outras regiões do nosso país?

ECÓLOGO

De «O Vianense» de 7-7-1986

Falecimentos

● No dia 15 de Setembro faleceu em Fão, na sua residência da R. Serpa Pinto, Aurora Gomes Saraiva, de 89 anos de idade, mãe do Director deste jornal.

Se é doloroso noticiar a morte de amigos queridos, essa dificuldade pungente agudiza-se quando se é obrigado a transmitir a morte de uma mãe.

Que descanse em paz.

● Também no mês de Agosto faleceu na sua residência em Pão Ana Pedrosa Viana, viúva de 76 anos de idade.

Aos seus familiares, nomeadamente a seu filho, Dr. Albino Campos, um abraço muito sentido.

● Após ter sido submetido a uma operação de urgência, faleceu inesperadamente na vila de Esposende, no dia 15 de Setembro, José de Sá Pereira Portela, antigo chefe da Secretaria da Câmara de Esposende que, embora residente na vila concelhia, tinha nascido em Fão há 55 anos.

A seus familiares e de um modo especial a suas irmãs Armanda e Dr.ª Maria Rosa apresentamos condólicas.

Rescaldo de uma homenagem

Conforme noticiou o n.º de Setembro deste prestigiado periódico fãozense, uma Comissão constituída pelos Drs. José Gonçalo Arelas e Juvenal Silva e pelo Sr. Armando Duarte, meteu ombros, desinteressadamente, a promover uma merecida homenagem ao Presidente do A.D.E. Sr. Dr. João Paulo Gomes que tão desinteressadamente e com tanta dedicação tem dirigido os destinos desportivos do Esposende.

Ninguém põe em causa o merecimento da homenagem, até pelos sacrifícios profissionais, familiares e económicos que tal actividade envolve.

O que é de lamentar é o aproveitamento político que quiseram tirar desta homenagem, inquinando a boa fé dos organizadores.

Já por várias vezes tentamos dar a entender, em escritos, em publicações do concelho — o que mereceu um comentário incorrecto, deturpado e contra toda a ética profissional do director de um desses jornais — que as Associações Cívicas, Culturais, Recreativas e Desportivas não devem ter fins político-partidários. Estas associações destinam-se a toda a população da área da sua situação, pelo menos, e não a grupos, elite ou a clientelas políticas.

A política partidária não deve influenciar na escolha dos seus dirigentes. Estes devem ser seleccionados pelo seu espírito associativo, pela sua dedicação ao clube, pelo seu espírito de sacrifício, pela sua disponibilidade de tempo e mesmo financeira, como a do Dr. João Paulo Gomes, sem a qual certamente não se aguentaria na 3.ª Divisão Nacional, nem poderia aspirar a sua ascensão à 2.ª a A.D.E.

As equipas directivas dessas associações devem ser pluralistas, de preferência compostas por indivíduos independentes, ou então por elementos de todos partidos existentes na região, para que todos se sintam neles representados e, portanto, possam e queiram dar-lhes o seu contributo.

De todas as associações do género que conhecemos — incluindo as de moradores e as de trabalhadores — são aquelas que melhor funcionam.

Pelo contrário, aqueles em que a «partidarite» impera funcionam mal, há contínuas desavenças e guerras e os seus objectivos não são prosseguidos.

Não procurem, pois, atribuir fins políticos às boas intenções de uma justa e merecida homenagem prestada a quem tanto se tem sacrificado e à sua família, à sua profissão e a sua economia.

Não queiram fazer investimentos políticos para depois tirarem dividendo indevidos.

Lisboa, 1 de Outubro de 1986.

L. V.

ALUGAM-SE OU VENDEM-SE

4 APARTAMENTOS + 475 m2

DE TERRENO

Falar c/ Cândido Casanova

ANTONINO BORDA

(continuado da pág. 1)

por este conterrâneo à sua concretização, pois ele também foi o organizador de algumas, o ensaiador e actor de muitas e guarda-roupas de todas. Chegou a deslocar-se ao Porto com o Penetra, de bicicleta, para observar os espectáculos que aí se faziam, aprender as músicas, dar uma vista de olhos pelos cenários e pelas roupas, ver em suma como se faziam as revistas por dentro, para depois as reproduzir em Fão, amoldadas ao seu meio e à sua gente. Dizem os mais idosos que o cenário do número «As Ondas» foi qualquer coisa de espectacular saído da imaginação do Antonino. Chegou a contratar uma costureira só para esse fim.

Nos antigos passeios à festa do Lago em que Fão inteiro se descolava de barco pelo rio acima, a chata do Borda postava-se à frente da escotilha, qual navio almirante, e toda a festa, música e paródia que se fazia tinham o seu começo e o seu fim na referida barca.

Foi um esteio durante muitos anos das festas do Senhor de Fão pois naquela altura falhavam os homens para as respectivas comissões. Na década de vinte houve alguns anos sem a tradicional romaria. Em 1924 ela ressurgiu graças sobretudo a Antonino Borda, Manuel Fonseca e Ernestino Sacramento. O Esposendense n.º 835 de 8 de Maio de 1924 refere-se com elogios aos três membros dizendo especificadamente que Antonino Borda «era a criatura mais prestável da terra, espírito activo e organizado».

Ainda o mesmo jornal de 12 de Abril de 1929 destacando o brilho atingido pelos festejos nessa altura, chama aos seus promotores Domingos Reis, Manuel Gonçalves (Filipe) e Antonino Borda «autênticos fangueiros».

Durante muitos anos e até à sua morte promoveu o arranjo do tapete do Bom Jesus, que os Irmãos Matias depois continuaram.

A sua casa situava-se junto ao cais (ainda nela vive a sobrinha Maria José) e naturalmente que as fainas da pesca, tanto do rio como do mar, eram familiares ao Antonino, que se dava ainda ao luxo de construir barcos, quer para si quer para um ou outro amigo. Este jeito de construção naval adveio-lhe de ser parente de um grande mestre da época em Fão, o António Dias dos Santos Borda Júnior, pai do P.º Manuel Borda. Aparentado com o dono do estaleiro e visita assídua do mesmo, o qual ficava a juzante da ponte no sítio que ainda hoje mantém essa designação e que o cupava ainda uns metros de terreno do quintal do Antonino para guarda de algumas ferramentas e outros apetrechos, foi vendo, foi observando e

até mesmo colaborando, de modo que também ele ficou perito na técnica da construção de barcos.

Era ao mesmo tempo um habilidoso nato, tinha o que se chama umas mãos de prata e por mais de uma vez, bastantes mesmo, foi convidado a reproduzir peças miniaturas de artesanato, para figurarem em exposições; como aconteceu na célebre Exposição do Mundo Português realizada em 1940. Ainda dentro desta faceta, podemos referir que colaborou na montagem do Museu da Póvoa de Varzim a pedido do seu amigo Santos Graça, que acabaria igualmente por levar para a Póvoa, com a ajuda do Antonino, uma das portas da Capela da Senhora da Bonança carregada de siglas dos pescadores poveiros e locais. Não sabemos



Confraternização de fangueiros, na década de 20, onde além do Antonino nós conseguimos identificar: Penetra, Carlos Tuno, Antonino, Ernestino e Galoias; P.º Carlos Lima, António Dias Santos Borda, Prior Nogueira, Tenente Filipe, Cândido Pereira, Assunção e P.º Avellino; Domingos Reis, P.º Alalo, Manecas, P.º Job e Celestino Pires

em que condições a porta foi levada, mas pensamos que a cedência deveria ter sido feita a título precário, até que um museu fosse erguido no concelho de Esposende. Até lá, convenhamos, a referida portada, encontra-se no seu sítio certo.

Disponha ainda de licença para a pesca da lampreia. Naquele tempo só se punham duas estacadas, uma em Esposende e outra em Fão para lá da ponte. Durante vários anos houve dois grupos na terra fangueira (um liderado pelo Antonino que tinha carta de arrais) e outros dois na vila vizinha. Ora estes grupos alternavam na colocação das redes e cumpria-se à risca a legislação em vigor. Não era só na pesca da lampreia que o Antonino se destacava. Bargueava também (usava outras redes) tanto no rio como no mar, o que fazia da sua casa um centro de con-

vívio e de cavaqueira para os amantes da pesca. Chamava-se até ao sítio da reunião o «Socairinho» do Cais.

zEle tinha o condão de fazer amigos que logo se tornavam, era esse o seu real desejo, verdadeiros amigos de Fão. Recordamos, por exemplo, o Tenente Júlio Faria e o Belmiro Miranda, ambos de Barcelos, que se converteram, por mor dele, nuns ferrinhos da terra. O Tenente Faria passava aqui quatro meses no ano, sobretudo porque era um emérito pescador e porque encontrava no Antonino o parceiro ideal para as suas deambulações piscatórias. Não tinha um braço e era um seu criado que iscava os anzóis.

Ora esta arte de fazer amigos com uma pronta disponibilidade que se tornava cativante e abria fundas amizades para a terra fangueira — lembramos ainda o Pintor Ventura Júnior e a Família Palmeira, de Braga — seria porventura a sua qualidade primeira e

constituiu o factor predominante que fez fixar aqui o seu perfil. A essa característica está ligada a estadia definitiva de Sousa Martins, entre nós, cujo desejo de construir Ofir em detrimento de outras terras, como o Cabedelo, se ficou devendo primordialmente a dois homens, os seus braços esquerdo e direito, no dizer do Arquitecto Júlio de Oliveira. Foram eles o P.º Sá Pereira que lhe aplanou as dificuldades burocráticas na qualidade de Presidente da Câmara, na altura, e o Antonino Borda que possibilitou a compra de todos os terrenos que Sousa Martins quis adquirir, descobrindo os respectivos proprietários, facilitando os contactos, convencendo os mais renitentes, sugerindo trocas, dando até o exemplo, pois foi em antigas propriedades suas que as primeiras casas

(Continua na pág. 6)

ANTONINO BORDA

(Continuado da pág. 5)

de Ofir foram construídas: a do Eng. Felisberto Cardoso, Alexandre Babo, Miguel Silva Pereira, Roberto Carvalho.

Forma-se depois a Sociedade Ofir & Fão, L.da, em 1946, e toda a mancha de terrenos adquirida por esta sociedade teve como *pivot* da venda o incansável Antonino Borda. O advento de Ofir para Fão, o grande salto em frente da nossa terra, na década de 40, teve neste fangueiro um inultrapassável dinamizador.

Antonino tinha sempre três ou quatro barcos. Um ou dois eram para a pesca, um mais pequeno servia para os seus solitários passeios até à Barca e outro, maior, era utilizado para os grandes piqueniques no Marachão, que ele emprestava a quem dele precisasse.

Um dia quisemos organizar um passeio até aos açudes e solicitámos o barco

ao Antonino. Que sim, senhor! Que no outro dia estaria tudo em ordem! Chegado o outro dia, vimos apenas um barco no meio do rio, preso a duas correntes, sem remos nem varas. Éramos quinze gualdérios e não quisemos saber de mais nada. O barco era de certeza aquele. Lá o desatámos como pudemos, conseguiram-se uns remos *ad hoc*, e ala, rio acima, que se fazia tarde! Entrámos uns quinze no barco pois o Antonino tinha garantido que ele aguentava bem.

Simplesmente tínhamo-nos enganado na catraia. O Antonino tivera o cuida-

do de encostar o seu barco às pedras do cais, tirara-lhe a água, colocara remos, varas, paneiros, etc., tudo pronto a partir. Nós, que contávamos com o barco no meio do rio, vimos apenas o outro e convencemo-nos de que era o que nos estava destinado. Por azar nosso, o barco pertencia ao Júlio Vilela, na altura o regedor de Fão que casualmente tinha passado todo esse dia em Braga. Foi a nossa sorte.

Tempos depois comentava o Antoninho a um nosso amigo: «Sabes, morrão, emprestei o meu barco a uns moços, preparei-o todo, e não é que eles pegaram na catraia do regedor? Aqueles raios só não viraram porque não ca-lhou!...»

Requiem pelo Rio Cávado

Sentado sobre o rochedo, os olhos fitos nas águas que murmuram a meus pés, o meu pensamento recua no tempo e encontro-me na minha juventude.

Quantas vezes mergulhei deste rochedo para as águas do Cávado!

As suas águas cristalinas de então, eram um convite permanente para um mergulho refrescante. Ali perto, no cais velho do Caldeirão, algumas lavadeiras lavavam a roupa cantarolando. A seu lado alguns miúdos, candidatos a pescadores, procuravam apanhar algum peixinho dos que teimosamente permaneciam em volta das lavadeiras, à procura de qualquer coisa que lhes servisse de alimento.

Como tudo está diferente! Só o rochedo onde me encontro continua na mesma pelo menos aparentemente.

As águas de encontro ao rochedo continuam o seu murmúrio, ou será que não? Talvez sejam queixumes, quem sabe?

Já não vejo peixe algum... Mas quê? Será que vem ali um peixe?

Oh não, não pode ser peixe... Quanto mais se aproxima mais a realidade surge dura e crua: era uma garrafa de plástico, igual a tantas outras que por toda a margem se encontram.

Quantas vezes me debrucei sobre ti, ó Cávado, para me saciares a sede! A quantos mataste a fome com o teu peixe? Lavaste ricos e pobres sem distinção.

E agora, o que vejo? À minha frente, máquinas poderosas dilaceram as tuas entranhas para te extraiem as tuas areias. As tuas águas correm emporcalhadas com toda a espécie de detritos; as tuas margens, outrora belas e verdejantes, são hoje depósito de toda a espécie de lixo.

És um cadáver, onde os abutres se banqueteam.

Ó Cávado bendito! Muito do que somos, hoje to devemos. Caminhas moribundo rumo ao mar, teu sepulcro eterno.

José Ramos da Silva



o melhor café
é o da

A BRASILEIRA
PORTO

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

- RECEITUÁRIO MÉDICO
- LENTES DE CONTACTO
- APARELHOS DE PRECISÃO

création

ARMAÇÕES
OCÚLOS SOL

AZAL

Tretas e letras da terra e do mar

(continuado da pág. 8)

gigãça, cartel, rede de baliza, rede de cadoiras, volatim ou volanta, peças, lampreiras, alvitanas, bucho, solheira, arrastão, ganha-pão, rede-de-fol, foucinha, ganchorra, rabichel.

As redes, todas semelhantes, têm o nome conforme o peixe que apanham e até mesmo conforme o barco. Assim, se determinado barco tem por costume pescar *solhas*, as redes são denominadas solheiras; se pesca lampreia, denominam-se lampreiras. Há uma pequena diferença no tipo de malha da rede que depende do tamanho do peixe que apanha.

O PILADO

Nome dado na região a um crustáceo semelhante à santola. Não tem venda comercial, embora comestível como todos os crustáceos. É usado como fertilizante. Actualmente desapareceu da costa e os pescadores-lavradores já não o procuram. No entanto o seu nome perdura com várias designações; eis algumas:

Pilado, carangueijo, caranguejo mouro, escasso, mexoalho, navalheira (?), patêla, câmbaro, pateixe, patexo.

FLORA DE AREIA — DS FENOS

Própria das areias, seguram-nas dos ventos que as movem e arrastam para o interior. São uma espécie espontânea; têm um papel altamente fixador e existem nesta faixa costeira desarborizada de areias pobres. Esta planta tem um vasto aproveitamento, desde a alimentação do gado em tempo de fome até à cama dos animais e até já vimos, de

peessoas pobres que habitam as «casas de madeira» junto ao mar.

Feno, estorno, couve marinha ou chapéu, erva negra, madorneira, rosmaninho, luzena das praias, linho bravo, cebola albarrã, chapeleta, perpétua da praia, eruca, morganeira, escabacho, espeto, erva canuda, cavalinho dos campos, rabo de cavalo, buraga, àcoro bastardo, espadana.

A CARUMA

O pinhal está ligado à vida do lavrador-pescador. O mato e a caruma são «armas» de que se servem estes homens quer para cama do gado quer para estrumar os caminhos de acesso às propriedades. Veja-se o nome que a folha do pinheiro tem na região:

Fagulha, caruma, gravulha, agulha, espinhas, faúlha, queimada, pruma.

(CONCLUI NO PRÓXIMO NÚMERO)

NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saraiva
Dr.ª Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Dinis de Vilarelho
Sérgio Mendanha

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 884318
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 500\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através de «Os Correios» será por conta do assinante

A PEDRA E O ESPÍRITO

Miguel Ângelo dizia ironicamente, que a escultura existe no bloco de mármore, apenas se torna necessário desbastar o material em excesso, ou seja pedra+gênio=obra de arte.

A pedra se por um lado é considerada como o paradigma da matéria bruta e inanimada, tem também constituído ao longo dos tempos em que a civilização humana se tem desenvolvido, o suporte das mais belas inovadoras, criações do espírito humano.

Parece que existe uma fascinação, uma relação mítica, talvez resultante da atracção dos contrários entre a pedra e o espírito.

A pedra macia é fácil de trabalhar, mas suficientemente forte e duradoura para transmitir a mensagem do passado às gerações vindouras.

A pedra utilitária que provoca o fogo,

modela os primeiros instrumentos de trabalho e serve como material de construção.

A pedra veículo de expressão artística e de manifestações espirituais em pinturas rupestres, esculturas e monumentos.

A pedra projectil de arremesso, a pedra fortaleza, a pedra pavimento das eserdas, a pedra lastro nos navios.

A pedra preciosa rara e bela que faz sonhar e que pela sua dureza encontra múltiplas aplicações na indústria.

A pedra suporte da informação, primeiro através de símbolos pensosamente esculpidos, mais tarde na impressão litográfica e actualmente base da indústria electrónica e por isso novamente ligada à informação. Primeiro o quartzo piezoeléctrico, depois o cristal de quartzo como regulador da vibração nos circuitos oscilantes, em seguida o transistor, o circuito integrado, o microprocessador e ainda a célula solar do silício e a fibra óptica.

Este último aspecto é deveras intrigante e até fascinante. Porque estranha ironia do destino a tecnologia mais avançada da nossa época se baseia na silício, que é um dos materiais mais abundantes na crosta terrestre? Porque razão sucessivas descobertas fundamentais para o progresso da electrónica, tiveram por base um material tão banal como a areia das nossas praias? Estaremos nós numa nova idade da pedra? — A idade do silício.

É verdade que é uma coincidência curiosa a utilização do silício em tanta tecnologia de ponta da nossa época, porém o que conta não é a matéria prima utilizada, mas sim a informação/conhecimento que permite transformá-la. Enquanto a silício tem um valor irrisório a informação/conhecimento é um bem cada vez mais precioso.

Não estamos de facto numa nova idade da pedra. A nossa época é a idade da informação/conhecimento. É a idade do espírito, se isso for entendido como a tentativa de compreender com humildade e curiosidade o mundo que nos rodeia e de valorizar o ser humano em todas as suas potencialidades e limitações, assim com os outros seres vivos e a matéria aparentemente inerte.

A. E.

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRAULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MAQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

Consulte-nos

REIMELI, Lda.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 601018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845

Noite de poesia no Rotary

Em Rotary vive-se primordialmente o problema da comunidade, pois é um movimento cuja essência consiste em servir. Os rotários quando se juntam, quando reúnem, não o fazem basicamente para conviverem, não o fazem fundamentalmente para realizarem amizade, embora convívio e companheirismo sejam necessários à



Poeta Artur dos Santos Barbosa

prossecação do ideal rotário. Quando os membros de um Clube se reúnem a uma mesa há uma pergunta que se torna o pano de fundo dessa reunião: o que se vai fazer, o que se pode fazer a favor do nosso próximo, da nossa terra? Uma reunião de rotários bem conseguida assim tem de decorrer.

Claro que em rotary há amizades — disso há exemplos admiráveis — claro que em rotary há momentos de boa disposição — e o Clube de Esposende pede meças neste capítulo a qualquer outro — claro que em rotary procura-se o progresso cultural dos seus membros. São mais factores de entrosamento que visam criar o espírito de corpo e de equipa que possibilite e facilite a realização de tarefas colectivas.

Fão no presente

Já vos falei do passado
E de Fão, daquele tempo.
Hoje volto, preocupado,
Por notar o pouco tento
Dos fangueiros em colocar,
No Rio que corre lento,
Já com certa poluição
Trastes velhos, a retirar
Das suas casas em Fão.

Tal proceder, insensato,
Mata peixinho aqui nato,
Engulas, solhas, tainhas
Que outrora se vendiam
Com pregão de mul «fresquinhas»!...
É um crime e nível baixo...
Tal proceder e então
Vamos não lançar mais lixo
Pro Cávado aqui em Fão.

S. M.

Junho de 1986

E estes tempos de convívio, de lazer e de deleite que sendo meios, não são o fim do rotary, atingem por vezes momentos de plena vivência. Foi o que aconteceu, no mês passado, com o recital de poesia realizado na noite do dia 5 de Setembro no Hotel do Pinhal. A figura da reunião foi o poeta vianês Artur Barbosa dos Santos. Que noite inolvidável ele proporcionou àquela gente! Disse, declamou poesia feita por si. A poesia é um encadeamento de frases, ritmadas, melodicamente apetecíveis, por vezes prenes de ideias, que

fluem, que brotam do intelecto e também de alma. A poesia de A. B. dos Santos é sobretudo descritiva, objectivamente tradutiva, onomatopaica também. Ela não é forcejada rebuscadamente pela inteligência do seu autor. Brota-lhe espontaneamente do coração em pérolas de maravilhoso engaste, duma maneira fácil, escorrente, tão suave que os ouvintes julgam que é fácil ser poeta.

Artur Barbosa dos Santos «se-cou» autenticamente o auditório que, enlevado, o escutava. Proporcionou uma noite de beleza impercível.

Que pena estas reuniões se confinarem só a elementos do clube rotário!

Tretas e Letras da terra e do mar

Dos alunos da Escola Secundária de Esposende

(Continuado do número anterior)

São poucas as casas-torre⁽¹³⁾ e muito menos as que têm teatro⁽¹⁴⁾. O trabalho na descoberta⁽¹⁵⁾ é muito penoso pois ainda é artesanal e, normalmente, não é pago. No fim do dia há um «comes-e-bebes» e baila-se até ao estortar.

O LÉXICO DO MAR

Os termos foram escolhidos e seleccionados tendo em vista o uso limitado a esta região, muito embora possam coexistir noutras áreas geográficas.

ALGAS

São usadas como fertilizantes (adubos) do campo, obtidas directamente do mar. Constituem a base de adubação. São apanhadas, normalmente na calma⁽¹⁶⁾ logo após a maresia⁽¹⁷⁾. É, sobretudo, nos meses de Maio a Setembro que se obtêm quando as marecias, cortando o sargaço, o arrojam à praia, ou cortado na baixa-maré, junto à pedra.

Os vocábulos que a seguir inventariámos para a designação de alga não têm a pretensão de totalizar o significado em relação ao significante. No entanto, na área, em estudo, não achá-

mos outros que não sejam os que se seguem:

Alga, argaço, argacinho da lapa, asa de pito, argacinho das físgas, boteuho, botelha gorda, botelha macia, botelho riço ou risso, botelho crespo, borriço — botelho riço, cabelo de rabo negro, cintas, francelha, frosque, rabo negro, sargaço, taborrão, munica.

Vejamos ainda outros termos relacionados com a vida do mar:

gola = vento norte;
mareada = abundância;
godo, godinho ou calhau rolado = xisto da costa marítima;
estralho = linha cob dez anzóis;
serrada = isco;
água (tipos): grossa, preta, lusa⁽¹⁾ para pescar é melhor a grossa — mar batido;
graveta = espécie de ancinho.

BARCOS DE PESCA NO MAR, JUNTO A COSTA:

Catraia, canote, bote, jangada, lan-cha.

REDES

Caça, nassa, rasca, tresmalho, tremalho, redefol., rodafol, mugiganga, bu-

(Continua na pág. 7)

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO